

Stadium

N.º 329

23 de Março de 1949

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PORTUGAL-ESPANHA

A primeira cerimónia do grande encontro. Francisco Ferreira e Epi trocam galhardetes. Delassale sorri para a objectiva. Momentos depois, jogava-se o mais energicamente possível...



IMPRESSÕES DE UMA INICIADA

Por MANUELA DE AZEVEDO

Pela noite, já Lisboa parecia outra. A garagem «Estrela» abre as suas alcovas mais recatadas e até nos locais onde a lei e o bom senso dizem que é proibido estacionar — dormiram à sua sombra milhares de carros que não tiveram mais onde pernitar, pois que eram forasteiros de domingo. E o mesmo aconteceu nos seus proprietários, que dor lram no automóvel, esconderam a noite nalgum café ou «cabarete», porque cama em hotéis pensões ou em casa dos «topa-a-tudo» não se encontrou uma devoluta. Muitas combinações se descombinaram, baptizados e casamentos houve com data transferida, muitos passos da vida de cada um paralisaram, porque a data passou a sua efeméride, exactamente como o Carnaval ou as eleições. Por isso dois teatros abriram as portas para duas noites de exploração e, ainda no domingo de manhã, desesperado por não haver «mercado negro», um sujeito, muito enfiado e resolutivo propunha, no meio do Rossio a um conhecido:

— O relógio! Dou-lhe este relógio por um «peão»!

E tudo isto aconteceu porque 22 rapazes, fora o árbitro e os juizes de linha, em calções, mangas arregaçadas e uma data de «genitas», se propuseram arrastar à volta de 80 mil pessoas perante a exibição de uma bola...

Tudo isto aconteceu e muito mais — como o vão tentar relatar os olhos iniciados do reporter que pela primeira vez assiste a «um futebol»...

Um quadro futurista

Dizem que pela manhã cedo já o público tinha ido para a sombra das árvores do Jamor emborcar garrafas de vinho e petiscos, substanciosos pastéis de bacalhau.

Foram cedo para arranjar lugar mas desde logo a onda de gente nunca mais acabou. Aos 200 e 300 de cada vez. Gente de todas as formas e feitios que vai subindo as cabeceiras, à procura de um lugar vago. Por volta das 16 horas, o Estádio Nacional, todo inchado nas barreiras e degraus que separam cada sector — parece agora uma enorme bola espicada, um globo terrestre gasto, gasto nos polos até ficar achatado. Lá dentro. Porque visto de fora, cá de longe, o campo é outra coisa: quadro de artista futurista. Quis pintar um campo de corações pulsando da mesma emoção colectiva e saíram-lhe as palhetas de ouro e cobre que luzem ao Sol de um Março generoso. Ou talvez não. Visto de longe, sem cores sincronizadas, aquelas 80 mil pessoas parecem vidrilhos de garrafas espetados no muro proibido — e bem proibido lhe foi para

os milhares de pessoas que não puderam trepar as faldas do Estádio...

Ah! que se não fossem os cavalos da Guarda Republicana! São eles que ajudam a disciplinar a entrada e a estancar a mole de gente que aflui, sobretudo, à entrada da Maratona. Do alto do seu cavalo, um soldado comanda:

— Mais pessoal! Pode avançar o pessoal!

As senhoras dão gritinhos assustadas, os senhores recompoem-nas com uma palavra feia e insubmissa contra os cavalos que se lam pisando — e tudo segue, miúda gente, incluindo carrinhos de paralíticos e tableiros com aparelhos de gesso...

Lá dentro, porém, a compressão admira-se. O ar é pesado, custa a respirar, como se o recinto fosse fechado.

Eles aí estão!

São 4 menos 5. Pela bocarra aberta do Estádio vê-se ao fundo serpentear a auto-estrada. E sobre ela a fita dos automóveis. São os retardatários, não apenas os que têm os lugares marcados na bancada central, mas também os que não arranjam transporte ou em casa, a cara-metede não se despechou mais cedo com os filhos...

Para iludir a paciência, uns mordem cigarros outros mordem sanduíches. A «bicha» dos «esquimós» espelhou-se pelo recinto e o negócio fez-se certamente, através do espaço, atirando os sorvetes lá para cima e os vinte e cinco tostões lá para baixo. Desde a entrada que os vendilhões enxameiam: vendem-se jornais de todas as cores e de qualquer dia, revistas e cervejas, alugam-se almofadas e os rapazes gritam com os capacetes multicolores, que dão ao Estádio um pontilhado indefinível: «Contra o Sol! Contra o Sol!»

Passa um minuto das 16. O público assobria porque o jogo não começa à hora da tabela. Há a sensação de que anda música no ar. Os ditos e os gritos não ultrapassam os 50 metros. Um da bancada reclama:

— Já vi um «leão»! Eia, «leão»!

Mas um que naturalmente é do Benfica protesta com azedume:

— Aqui não há leões! Há Portugal.

— Mas é custa do Sporting...

O outro grunhe qualquer coisa e distrai-se. Lá em cima, talvez no sector 20, esboça-se pancadaria. Uma senhora de braços no ar, rebola na confusão, nascida de um desrespeito pelo lugar marcado. Felizmente, cá em baixo, no «redondel» da bola, há palmas porque a polifonia, que tinha andado por ali a exortar os avançados da balaustrada depois as armas vencida.

No último momento, ainda se fazem apostas:

— Vinte escudos por cada bola dos portugueses. Aposto que vencemos por 3 a 2!

E, na coxia, um sujeito mal disposto geme que o outro sentado no degrau lhe dobra as pernas.

— Pois o sr. arranha-me as costas com os joelhos! E se não se aguenta aí, ande para aqui que eu aceito a posição!

Felizmente o jogo vai começar. O Estádio ergue-se num grito, perante a alegre entrada dos jogadores saltitantes:

— Eles aí estão!

Os que pregam no deserto

E, agora, já não vale a pena pôr os olhos leigos no retângulo onde se prende a atenção dos adeptos e dos técnicos...

O público também é um espectáculo. Cada um se sente Nero, apostando por seu leão e todos lhes desejariam sacrificar pelo menos um espanhul...

Mas, de vez em quando os portugueses dão folga. A bola salta-lhes entre os pés, passa ao adversário e o público assobia:

— Olha os espanhóis a fazer calxinha, meu palerma!

— Comem-lhes as papas na cabeças! São uns indecentes!

Há quem suspire pelo Feliciano e que remungue com o Albano — mas todos, é evidente, se esquecem de que vozes do público não descem à relva...

E por isso o jogo e os comentários prosseguem como se nada do que se escreve se tivesse passado:

— Vá lá ver, seu Virgílio, que está a demorar isso!

A bola anda muito por alto e um sujeito pula na bancada:

— Oh! Chico, bixa lá isso!

Toda aquela gente é serena e respeitável. Mas porque não chegou o verdadeiro calor: eletrizante, há quem pergunte ainda admirado: como acontece ocorrer tudo isto?

Também há um miúdo que pergunta:

— Oh! papá, o que é um «corner»?

Uma senhora geme que não pode mais e jura que não está disposta a arranjar uma lesão cardíaca, e o marido concorda que ela teria ficado melhor em casa, e uma outra senhora de idade respeitável — decerto a sogra — protesta contra a tranca do senhor. A disputa familiar alarga-se a uma contenda peninsular, entre um sujeito que tinha gritado «vai para a praça de toiros, malandro, que lá te dão as rasteiras!» ao passo que um espanhul, o único do sector, reclamava uma desfronta para os toiros neda chamados para ali. A contenda não se generalizou — e, daí a pouco, graças a Deus que todos esqueceram: chegámos ao intervalo...

Ai Vem Aljubarrota!

No ar, é que se uma neblina ténue e rastejante. Vista à distância, lembra uma grande queimada brasileira. Mas não se trata de queimar na própria terra os campos de algodão já secos: é o fumo dos cigarros que se admira, como se estivessemos num recinto fechado.

Agora é comer. Os que estão sentados levantam-se doridos. Os que estavam de pé sentam-se magoados. Pela primeira vez, os da direita e da esquerda estão de acordo: jogam-se pouco, jogam-se mal.

— Venho de Miranda do Douro.

A reportagem do Portugal-Espanha

Publicamos hoje uma larga reportagem do Portugal-Espanha destinada, certamente, a alcançar um grande êxito.

O desafio mais célebre da Península, nos seus variados aspectos, foi analisado e comentado por dois dos nossos elementos, o dr. Tavares da Silva e Rodrigues Teles, nomes feitos no jornalismo da especialidade, tendo a sr.^a D. Manuela de Azevedo, escritora e jornalista consagrada, feito especialmente para «Stadium» um curioso artigo de imprensa.

A parte gráfica estava confiada aos nossos fotógrafos, Amadeu Ferrar, Nunes de Almeida, Monteiro e Barata, que apresentaram um trabalho valioso e brilhante. Este número da «Stadium» ficará portanto, como a melhor demonstração do Portugal-Espanha disputado domingo último no deslumbrante cenário do Vale do Jamor.

Há duas noites que não durmo, para isto. Sinto-me roubado!

Uns fazem fotos, outros fazem fitas. Mas todos são desportivamente cavalheiros. Esboçam-se alguns «muros do decreto» — rapazes e raparigas aproveitam a confusão, para trocar um segredo. E no melhor do descanço, os rapazes voltam ao relvado...

Um golo que é um duce passageliro, não esfria jogadores nem espectadores. A coisa aquece, esfriam-se as mãos, agora vai, eis rapazes, força, carregue-lhe Feliciano, ah! malandros que desta vez é que vocês vão saber como foi em Aljubarrota, golo, golo! Portugal, Por-tu-gal — Por-tu-gal!...

E tudo se transmuda num momento, como se se houvesse ligado a corrente eléctrica... Eis aqui os aficcionados! Eis aqui o seu espelho!

Um menino arranca o boné, uma senhora pula para cima do assento — e um rapazote fardado, de punhos fechados, num grito histórico, comenta, para 80 mil pessoas erguidas num só gesto:

— Ah! valentes! Ah! valentes!

Além, um sujeito de boné branco, parece um regente de orquestra mas não é: pertence à «claque» e, voltado para cima, contra o jogo, conduz o rebear: Por-tu-gal! Por-tu-gal!...

Graças a Deus, já lá vai o perigo de Aljubarrota, a bola passa para lá, volta para cá, esboçam-se opiniões, porque passado o primeiro calor, verifica-se que todos fazem porque o tempo passe, jogando o menos possível. De qualquer modo, já ganhamos moralmente mais dois golos sobre o empate. E o público, a 20 minutos de jogo, «quele que foi só para dizer que não ficou em casa» — começa a voltar as costas ao retângulo, à procura de transportes... Pouco a pouco, o reflexo aumenta. Mas, quando caem os 45 minutos regulamentares, ainda há gente que chegue para assobiar os jogadores e arremeter de almofadas em punho: todos se sentem lesados — e entre a turba há alguns «lesionados» pulos encontros...

Para tão grande amor... tão dura a vida...

FALTOU À EQUIPA PORTUGUESA QUALQUER COISA

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1
Teléfono, 31107 LISBOA
Director e Editor: DR. GUILHERMINE DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA
Propriedade da
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA
NEOGRAFIA, EDITADA
SILVAS LIMITADA

Os espanhóis merecem a sua alegria!

Crónica de TAVARES DA SILVA

Visado pela Comissão de Censura

QUANDO chegámos ao fim do primeiro tempo, enervados e já um pouco enfadados, a impressão dominante era ainda de que Portugal venceria! Entretanto, a amostra do jogo não era notável. Jogava-se peor do que melhor, mas confiava-se em que, com o vento pelas costas, os portugueses encontrassem, finalmente, o rumo da vitória, num melhor entendimento entre os seus sectores, mais presença de espírito em campo e sentido de luta mais apurado. E tudo ruíu, não porque as condições não nos fossem favoráveis, mas manifestamente porque a equipa não tinha poder, moral e físico, nem tão pouco temperamento para impôr a sua vontade, dominar em futebol e território, e obigar os espanhóis a ceder, eles, que não estavam dispostos a fazê-lo, e que tinham vindo a Portugal na preocupação permanente total de se reabilitarem da derrota de Janeiro de 47. A esperança desfez-se como fumo de cigarro...

Que nos tinha dado a primeira parte? Principalmente *jogo por alto*, e o mesmo é que afirmar confusão ou falta de clareza, um atestado de valentia a favor dos espanhóis, mau funcionamento global da equipa portuguesa, e dois ou três detalhes de alto relevo, tais como: um remate portentoso de Travassos, um penalti transformado em livre, aceitando a hipótese de ter havido falta, e oportunidades perdidas por Epi em frente das balizas sem Barrigana. O quadro não era, portanto grandemente promissor, mas agravávamo-nos todos legitimamente ao nosso sonho. Queríamos, numa palavra, vencer a Espanha.

Mas para isso tornava-se indispensável que os jogadores houvessem entrado no rectângulo de ânimo forte e capacidade física, dispostos a uma luta sem tréguas, e, porventura, fazendo das fraquezas forças. Isto é, cheios de vontade, alheios a fadigas e a outras falhas.

Como toda a gente, ou ao contrário de algumas pessoas, não acreditamos que haja um único elemento do *team* português que jogasse mal por querer, ou a quem não honrasse a vitória. E' ideia afastada! Porém, mesmo agora, na imagem que temos do nosso Grupo Nacional, não vemos, como desjaríamos ardentemente, uma força de vontade superior, um grupo disposto ao total sacrifício — onze gigantes de luta — mas sim um conjunto frouxo, de fraco moral e substância, não rea-

gindo ao azar e encolhendo-se um pouco.

Dir-se-á, como defesa, que o futebol não deve ser jogo para brutamontes. Fraca defesa não parece, pois não se pode dissociar a ideia de atleta do jogador de futebol. Pelo contrário, os espanhóis trouxeram a Lisboa um fortíssimo desejo de luta, e a orientação premeditada de jogar duro. O seleccionador Eizaguirre tinha ido a Génova, e lá vira como os nossos se encolheram em tantíssimos lances. Porque não usar do mesmo critério no Vale do Jamôr? Verdade seja, os espanhóis obedeceram abnegadamente à palavra de ordem e foram destemidos, apesar de quezilentos, duros e valentes, algumas vezes rezingões. Como responderam os nossos a semelhante atitude? Em variados golpes, querendo-se ao juiz de campo: — oh sr. árbitro, isto não pôde ser, o meu adversário magoou-me. Devemos, mesmo, esclarecer que, se algumas dessas queixas eram fundamentadas, outras não tinham rasão de ser. Em futebol, sómente se pára ou há falta, quando o árbitro entenda e apite, e não quando o jogador pretende.

Querirá isto significar que, em nossa opinião, os espanhóis jogaram mais do que os portugueses

nesta primeira parte? Não vamos tão longe, nem isso está no nosso pensamento. Tendo o vento pelas costas, o ataque espanhol teve muita dificuldade em dominar a bola, indício certo de técnica deficiente. A sua linha dianteira não fez, que nos lembrei, uma só avançada em forma, destas em que a bola parece ter o seu destino traçado: muito pontapé para o ar, correrias atrás da bola, ausência de entendimento entre os dianteiros e falta de apoio eficiente ao comportamento medular.

Se assim aconteceu no capítulo do ataque, devemos por outro lado afirmar que os espanhóis, já procurando deliberadamente fazer marcação, estiveram melhor na defesa. Mas o seu trabalho resultou não da boa mecânica global, deles conhecerem as particularidades do Sistema, mas sim, essencial e fundamentalmente, da sua vontade poderosa, da força que animava o seu espírito de conjunto. Os três defesas comportavam-se regularmente no que diz respeito a colocação, com movimentos ajustados às multiplas situações, mas já os médios, e nem vale a pena referir os interiores, andavam talvez à deriva, correndo aqui e acolá, a todos os lados, tendo dificuldade em conjugar os seus passos com os dos

seus camaradas. Disse-nos um dos jogadores portugueses que, em dado momento, esses espanhóis andavam nitidamente em busca do jogador que lhe competia cobrir. O número auxiliava-os. Evidentemente, os médios contribuíram para o *excelente empate*, visto do seu lado, mas isso deve-se principalmente às suas qualidades de praticante e ao seu culto da luta.

Colocados, assim, os dados da questão, parece que tudo indicava supremacia dos portugueses; homens que, quando livres, ou deficientemente vigiados, sabem traçar desenhos, fazer a figura diabólica de um-dois, batendo irremediavelmente o seu adversário. Mas a verdade é que os extremos, principalmente o esquerdo, raramente se desmarcou; que o centro-avancado se deixou dominar por um jogador notoriamente lento e longe da boa forma; que os interiores não tiveram talento para desenvolver com rapidez os lances e mudar a face do jogo, dando vulgarmente tempo para a recuperação por parte do adversário. Sómente no cair do tempo, é que começamos a utilizar a passagem larga aos extremos no contra-ataque.

Quando veio a segunda parte, supuzemos sempre que o *team*, ao soar do apito, se transformasse numa avalanche, e, com o favor do vento, agora, destemidamente, caísse sobre o adversário e não o deixasse respirar. Puro engano! Os portugueses estavam convencidos que tinham tempo na sua frente para chegarem à vitória, com ilugma e tranquilidade de espírito. Foram, mesmo, os espanhóis que, logo de início, tomaram o comando das operações e abriam o caminho dos golis. O bloco defensivo dos portugueses havia sido alterado, e essa defesa ainda não tinha assente e ajustado o jogo, por assim dizer, ao surgir o golo, lento e demorado, do veterano Zarra.

Devemos salientar que o *team* de Espanha nos deixou melhor impressão na 2.ª parte. Que, aliás, foi um conjunto grande, na situação do nosso período de bilhantismo, ao caminharmos para o empate e a um passo miúdo do triunfo. A movimentação portuguesa, sem a segurança revelada pela linha sportingista no campeonato interno, tornou-se viva, rápida e precisa; e o certo é que o adversário não se entregou. Reagiu, correu, lutou, cerrando os dentes,



— Quando «isto» sucedeu na «montra», como teria sido no... armazem?

(Continua na pág. 6)



Barrigana aparece-nos todo torcido, com a bola segura. Felix e Serafim confiam, e Silva está de frente para a balla.



Defesa bem segura de Elizaguirre. Travaços teve nesta altura um atrito com Puchades, e Aparicio está igualmente no chão. Hernandez, tendo Peyroteo perto, mostra-se interessado no lance, assim como Lozano, na rectaguarda de Travaços.



Barrigana defende e vai levantar-se. Serafim não deixa Silva e Felix assegurar-se de que não haverá perigo



Barrigana mete as mãos à bola, vinda pelo ar. Francisco Ferreira espreita, não vá surgir algum adversário. Zarra corre a guarda-redes e Felix observa o lance.



Uma defesa de Elizaguirre, carregado por Peyroteo. Puchades e Lozano estão atentos



Epi não chegou a tempo. Serafim, tendo Barrigana na rede, devolve a bola. Francisco Ferreira acorre, na mira de impedir a intervenção de Silva



Defesa de Barrigana, acosado por Zarra. Felix está no chão



Nova defesa de Barrigana, sob as vistas de Zarra e Felix



Um desvio de Felix, com F. Ferreira e Zarra em posição de evidência



Elzaguirre prepara-se para bloquear uma bola alta. Vasques tem toda atenção, no esférico. Como Aparicio e Lozano



Um cacho de jogadores. Feliciano e Hernandez saltam com valentia, Candrio e Travaços estão atentos



Uma aparatosa defesa de Elzaguirre — que só tem Lozano como testemunha. Estava-se ainda na 1.ª parte



Candrio travou a marcha da bola. Hernandez está a distância. Depois Feliciano e Zarra



Francisco Ferretra opõe-se a 3 adversários: Silva, Hernandez e Zarra



Zarra e Feliciano. A bola, porém, já não está sob o domínio de ambos

Superioridade espanhola vencida

... Mas os portugueses, apesar dos 5-2, deixaram boa impressão

A derrota da Corunha estava prevista. Só um «milagre», um dos mil e um impossíveis do futebol a poderia evitar...

Ninguém, de antemão, acreditava numa possibilidade, mais ou menos remota, de triunfo português. Em primeiro lugar porque a nossa capacidade de selecção está longe de corresponder à dos espanhóis. E não é necessário demonstrar porquê. Toda a gente o sabe... Repetimos, toda a gente.

Depois, porque a selecção não oferecia garantias de êxito. Conhecendo-se as características do futebol espanhol, fácil era de compreender que Ezaguirre procuraria uma equipa absolutamente dentro dessas características. Expor a linha avançada de Portugal, tal como foi constituída, ao choque com uma defesa que se sabia ser rude, era o mesmo que condená-la a inevitável fracasso.

E' certo, rezam as crónicas, que os portugueses deixaram boa impressão e que o árbitro os prejudicou. Mas não é menos verdade que, para além dessas considerações, restam outras. E essas são que, no balanço geral da partida, a superioridade foi dos espanhóis.

Superioridade física, superioridade técnica, superioridade de remate. Sempre os dianteiros de Espanha tiveram remate pronto e fácil. Não é de agora. Muitas e muitas vezes os portugueses têm revelado falta de espírito ofensivo, que o mesmo é dizer falta de remate. A linha de ataque apresentada na Corunha reunia um predicado: habilidade... Essa ninguém a contestará. Mas falta-lhe o principal: poder físico para opôr a um Curta, um Alonso, um Casas... E, mais, facilidade de rematar. Esse velocíssimo Bentes, o «rato atómico» de Coimbra, poderá dizer quantas vezes as suas bellissimas fugas ficaram sem conclusão.

Na primeira parte do desafio os espanhóis, a favor do vento, dominaram. Marcaram quatro golos, dois deles com a colaboração eficaz do árbitro sr. Boes: um «fácil» e um *penalty* inexplicavelmente repetido. Mostrou falta de visão, de uma vez, e visão a mais, na outra, o árbitro vindo de França... de avião!

Os espanhóis chegaram facilmente em todo o tempo à zona de remate. E uma vez ali nada de perder tempo com bonitos. A ordem era fazer golos. A organização defensiva dos portugueses facilitou essa tarefa demolidora. E valeram Capela, decidido e seguro, e Manuel Marques, prodigioso de visão, de antecipação e de saber, para que o resultado ficasse pelos 4-1. Peñín, famoso avançado centro, não teve ordem para aplicar um remate vitorioso.

No segundo tempo inverteram-se os papéis. Os portugueses pas-

saram a dominar, pelo favor do vento e porque a equipa, modificada, dava melhor rendimento. Figueiredo, a médio de ataque, parecia outro e dos seus pés saíam excelentes avançadas. Alfredo, na defesa, era uma utilidade. O próprio Serafim, a jogar só para um lado, era mais útil que Nunes, um jogador cuja selecção não se chegou a compreender, depois do afastamento a que esteve forçado do próprio *steam* do seu clube.

Com a equipa postada ao ataque português o *steam* melhorou. E a fatal. Mas continuou a evidenciar as mesmas pechas, a não ter capacidade física para se entregar à luta de perto com os defesas contrários e a não ter a percepção do momento de remate. Muitos «bonitos», sempre improficuos, principalmente contra uma defesa do sabor da espanhola, muitas indecisões, muita falta de serenidade. Um incidente desagradável quando do *penalty* obrigou à substi-

tuição de Capela, que tinha perdido a calma. O resultado ficou em 5-1 com essa grande penalidade, arbitrariamente repetida, dizem os cronistas «enviados especiais».

Os portugueses mantiveram-se com o mesmo belo espírito de luta — e esse não pode ser negado... — mas com a mesma falta de eficácia. Marcaram, todavia, um golo mais em jogada de Bentes.

Perdemos o primeiro Portugal-Espanha dos «B». Já se esperava, voltamos a afirmar. O nosso futebol, apesar de todos os progressos anunciados, está longe de poder meter-se numa aventura de tal ordem. Duas equipas? Pois se com certa dificuldade podemos apresentar uma!...

Não se alegue que foi por culpa do árbitro. Este terá sido muito mau (em França os críticos dizem que só Delassale tem categoria internacional) e acreditamos. Mas não teve culpa em que Portugal

convenisse a Riazar uma equipa condenada antecipadamente a perder. Na selecção de Espanha os candidatos a um lugar no *steam* A estiveram em evidência: Basori, Buzan (jogador de um clube da 2.ª Divisão), Muñoz, Antonio, Mujica. E a comandá-los o veterano Igoa, jogador de real classe.

No grupo dos «B» de Portugal os melhores foram Capela, já antigo internacional (era do onze que deu 4-1 à Espanha, já lá vão dois anos), Manuel Marques, a caminho da retirada, Bentes e Caído, também antigos internacionais, e a espaços Lourenço e Vieira, o primeiro também já mais de uma vez internacional.

Dos outros salientam-se que foi útil a chamada de Alfredo e de Serafim e que Figueiredo teve excelente segunda parte como médio de ataque e que Rebelo e Patañino se foram nitidamente abaixo.

Da arbitragem já está dito o suficiente. O sr. Boes foi, ao fim e ao cabo, igual ao sr. Sáez, de Génova. Continuemos a aceitar árbitros franceses — Delassale à parte...

O jogo deve ter servido de lição. Temos muito que trabalhar para podermos correr o risco de dois jogos no mesmo dia, tendo deixado em Lisboa, como suplente da equipa A, portanto como jogadores de recurso, homens que deveriam ter ido na selecção B. E vice-versa.

Oxalá que a lição sirva. De alguma utilidade o desafio se terá revestido.

PORTUGAL 1-ESPANHA 1

A acção dos jogadores

(Continuação da pág. 3)

sempre de vontade indomável. E, passada essa fase, caracterizada pelas desmarcações hábeis de Peyroteo e Jesus Correia, a tranquilidade voltou à equipa espanhola, a qual deixou até de fazer marcação cerrada. Por via disso, Albano ficou sózinho, isolado, longe de Riera, e o próprio Travassos, também Vasques, gosaram de relativa liberdade. De nada servia isso, porque os espanhóis iam matando o tempo como podiam e os portugueses lutavam sem convicção nem magnetismo. O resultado estava feito! Peyroteo conquistara o empate, de colaboração com Aparicio, mas não se passava daí. Se os nossos interiores não conseguiram romper a muralha defensiva, o meia-ponta esquerda espanhol ainda tinha forças para vir à sua área da grande penalidade e transportar depois a bola, fazendo pelo caminho dribles de efeito, e lançando por fim o seu pontapé, ou, então, descaindo para o centro e provocando ainda mais perigo.

Hernandez e Gainza, um pouco também Epi, jogadores antigos e experimentados, brilharam na linha dianteira de Espanha. Tratase de executantes de bom domínio da bola, dois deles sobreviventes de uma extraordinária pleiade, que sabem o que fazer quando têm a bola nos pés, não perdendo uma única ocasião. Zarra, tipo de centro avançado em cunha, não chegou a dar a sensação de muito perigo. Silva, o interior que pas-

sou desaparecido, não vale nada. Assim parece, pelo menos.

Gonzalo III e Puchades, aquela mais do que este, quiseram meter-se no seu papel; o seu temperamento e classe supriram as deficiências. Gonzalo III é, até um jogador-espectáculo. Dos três defesas, Aparicio foi o que deu menos rendimento; não está em forma e perdeu elasticidade. Em frente das balizas, às vezes em situação difícil, denotou dificuldades em desferir o pontapé de alívio. Já Riera conseguiu inteiramente a sua missão, o mesmo devendo afirmar-se de Lozano. Se alguém continua a duvidar da categoria de Ezaguirre, a culpa não é dele; a Espanha dispõe de um excelente guarda-redes.

Do lado português, talvez que a defesa estivesse um pouco melhor que o ataque. Mas a distância que separava os dois blocos em Génova encurtou-se desta feita. Porque o ataque jogou mais que em Itália e a defesa jogou menos.

Porque, pela força das circunstâncias, temos de fazer um novo guarda-redes, parece-nos que Barrigana está muito bem nessa calha. Teve boas defesas, manteve presença, e a sorte auxiliou-o ao proceder mal. O golo era indefensável. Virgílio, o magnífico estreado, dispôs de forte temperamento de luta e gosto de combate, nunca abdicando da sua posição. A sua figura, generosa e entusiástica, foi uma nota alegre no rectângulo. Felix não atingiu grande brilho, tendo receios de entrada e dúvidas de antecipação

e movimentos, mas, como estrela, entendemos haver cumprido. Feliciano, o seu substituto, está num período particularmente delicado e não devia ter entrado. Serafim, ordinariamente pendular, não foi nem tão efectivo nem tão útil como de outras vezes. Canário, eis um homem, que, calado, dignamente, se entregou à luta, tendo excelentes golpes. Francisco Ferreira, pelo seu lado, fez igualmente muitos cortes, foi energético e activo, mas não esteve brilhante.

Travassos foi o nome do ataque, dando, no entanto, rendimento inferior ao que pôde dar: o seu remate é um martelo. Jesus Correia segue-se, pela sua actividade e empenho. Peyroteo já esmoreceu muito no interesse pelo jogo. Vasques não esteve feliz, e Albano muito menos.

E' possível que o árbitro tenha cometido alguns erros, mas o desafio pôs-se feio e houve muita questioncul. Ora, numa partida internacional, o árbitro não vai fazer expulsões por dá cá aquela palha. Os seus auxiliares comportaram-se muito bem, e sempre com verdade.

Encaixámos no domingo passado mais uma dura lição. Fizemos todo o possível para nos apresentarmos na máxima força? Se há tal convencimento, propomos que se atire com as preocupações para bem longe e que nos congratulemos, no fim e ao cabo, porque podia ser peor... O desafio que se segue sempre nos oferece uma pausa para descanso e esquecimento de pecados.

Um punhado de opiniões que revelam pessimismo

Só depois do desafio jogado se vê que é bom ou mau. Como as lanças. Só depois de abertas, etc., etc.

Todos nós contávamos com um jogo melhor, muito melhor. Tratando-se de um Portugal-Espanha, jogo de emoção, também se aguardava que os lances provocassem os nervos do espectador. Afinal, os golpes saíram todos imperfeitos, — e quase todo o público abandonou o Estádio indifferente, até desolado.

Mas a crítica do jogo sairá do lugar próprio. E como é assinada por Tavares da Silva — recomendo-lha desde já...

Passemos do Estádio Nacional para o Avenida Palace, onde confraternizaram as duas equipas após o desafio. Presidiu o engenheiro André Navarro, e estiveram presentes figuras distintas do futebol peninsular. E o sr. Júlio Rimit, presidente da «Fifa».

Mariano Arrate, o veterano imponente da Espanha no 1.º jogo contra Portugal, assistiu igualmente. Pela Espanha desportiva, Muñoz Calero e Gutierrez del Castillo. A Direcção Geral dos Desportos estava representada pelo capitão António Cardoso.

A série dos discursos principiou, na devida altura, evidentemente. O sr. engenheiro André Navarro, presidente da Federação Portuguesa de Futebol disse então:

«Desafio de competição internacional o Portugal-Espanha representa o torneio que maior interesse desperta entre os entusiastas do jogo da bola.

Houve, há e haverá sempre grande emulação entre os desportistas das duas Pátrias irmãs na conquista deste jogo, — popular entre os mais populares — do traçado da vitória. Não devemos contrariar esta atitude. Ela representa um estímulo permanente para o desenvolvimento físico e sólida amizade da juventude das nossas duas Pátrias. Derrotados num ano será sempre de esperar a vitória no ano seguinte. Um empate deixará a questão em suspenso. Ela será decidida na temporada imediata. E assim se sucedem, sempre com o mesmo entusiasmo, os encontros de futebol Portugal-Espanha.

O facto de sermos pernaças muito velhas, embora bem distintas, do mesmo fuste peninsular, determina que possuamos qualidades semelhantes e, também, defeitos parecidos. Vivacidade e irrequietismo, valentia e espírito temerário, cavalheirismo e irreverência fizeram um Don Quixote, mas, também, geraram a figura lendária dum Magriço.

Não olvidemos que as mesmas virtudes e defeitos foram cimentadas, desde os primeiros tempos, nesse casamento que uniu as velhas raízes portugalenses às excelsas virtudes duma raça que uma santa Rainha, por ambos os povos venerada, simboliza. E não esqueçamos que o drama dos dois príncipes, Pedro e Inês, unidos na vida e na morte, ficou, na História, como a mais lancinante página de amor.

Cervantes e Camões não tiveram, na realidade, necessidade de

criar muitas lendas para contar ao povo as epopeias que nos separam, ligando-nos na mesma transcendente missão no Mundo de Cristo.

Conquistar a vitória batalhando, virilmente, está pois no amago da juventude das duas Pátrias. A lealdade para a obter, duma forma limpa, constitui, também, ditame de que nunca se afastam as mocidades dos dois países irmãos.

Tem pugnado a Federação Portuguesa de Futebol, a que tenho a honra de presidir, pelo maior contacto internacional das nossas turmas e julgo que não tenhamos sido mal sucedidos nesta nossa missão. Mesmo uma derrota, nunca representará um passo à recuar. Antes pelo contrário, dela se podem tirar ensinamentos, muitas vezes superiores aos colhidos quando os louros da vitória nos confundem.

Isso não obsta, porém, que apareçam Velhos do Restelo a falar de aventuras e a carpirem derrotismos e a arengarem torrentes de defeitos, capazes de fazerem derruir as mais fortes vontades.

De resto, esta espécie de carunchos não é de hoje. foi de ontem e será de sempre. E se os seguirmos no seu tortuoso caminho não seríamos com certeza o que somos.

Por isso eu ergo a minha taça para que continuemos, portugueses e espanhóis, a sermos, pelos tempos fora, sempre iguais ao que sempre fomos.

Pela Espanha...

A este discurso respondeu o sr. Gutierrez del Castillo. E que belo discurso lhe ouvimos. Membro do Conselho Nacional de Desportos, o sr. Gutierrez del Castillo, falou largamente das boas relações desportivas entre Portugal e a Espanha.

Eram inevitáveis, as respostas. Principiamos no campo espanhol. Zorra, autor do ponto, que foi o primeiro do encontro, respondeu assim à nossa primeira pergunta:

— O he, o jogo foi «sucio». Quer que lhe mostre as pernas!

E Zorra mostra algumas mazelas. Mas todos os jogadores de futebol tem no corpo as suas smarcas. As de Zorra seriam por certo iguais, ou inferiores, a muitas outras existentes no corpo de rapazes portugueses. Em Virgílio, por exemplo...

Procuramos E zaguirre, o guarda-redes espanhol.

— Gostou?

— Não. Este desafio foi péssimo para os guarda-redes. O vento dava efeitos estranhos à bola, sempre enganosa. Alguns remates defendiam-se mais por instinto...

— Resultado justo?

— Não. Merecíamos ganhar.

— Os melhores portugueses?

— Virgílio, Travaços, Vasques e Albano.

— E vossos?

A defesa, os interiores e Gonzalvo III.

Tem a palavra Gainza, que não conseguiuבלhar extraordinariamente,

— Porquê? — perguntamos-lhe.

— Virgílio é um adversário com «êde da bola». Bate-se denodadamente. Talvez por isso...

— Outros portugueses?

— Canário e Ferreira. Barrigana é bom guarda-redes.

— Entre os seus companheiros?

— J gamos para ganhar. Todos contribuíram para o resultado, que podia ter sido favorável à Espanha.

Entre as opiniões das duas equipas colocamos as de Eizaguirre (seleccionador) e Armando Sampaio, o técnico português. Afirmou-nos o primeiro:

— O jogo não me impressionou. Era de esperar mais, tanto de um lado como do outro. Gostei de Travaços e Virgílio, nos portugueses. Dos meus — Lozano e Gonzalo III.

O dr. Armando Sampaio mostra-se aborrecido. Algo cansado.

— Substituí Virgílio por Feliciano...

— Para dar descanso à defesa. Se tivéssemos marcado segundo gol, o nosso jogo melhorava muitíssimo.

Os jogadores portugueses não revelavam satisfação. Procuramos primeiro Virgílio, que na sua segunda internacionalização voltou a impôr-se como elemento de largo futuro. O jovem rapaz do F. C. do Porto estava triste, desolado.

— Que tem V. meu caro Virgílio?

— Tenho de separar-me do ambiente onde me dou muito bem, o ambiente do Porto...

— Já sei a tropa!

— É verdade. Vou para Elvas amanhã e isso preocupa-me bastante. Depois do jogo, só me lembra desta contrariedade.

— V. é muito novo. Tem muito futuro na sua frente. Fale-nos então do desafio.

— Esperava melhor. O vento prejudicou-nos muito. Aquela primeira parte foi difícil de jogar.

— Gainza?

— Parece que não gostou de mim. Eu, claro, achei que não podia sentir-lhe os movimentos livres...

— Não tive uma defesa que pudesse impressionar o público e a mim próprio. Todas as bolas me chegaram em condições difíceis, mas perigosamente. Os cantos marcados por Gainza ou Epi — recorda-se? — traziam sempre direcção enganosa: ou bola rasa, obrigando-me a furar por entre calças e adversários para o «mergulho» em péssimas condições de êxito, ou bola que vinha da esquerda para o extremo direito e vice-versa. Bola alta, na minha frente — não havia. Enfim — empatamos. Jogamos pouco — eis tudo.

— O tento que sofreu?

— Não tinha defesa. Zorra estava desmarcado, à vontade, e o remate partiu seco e forte.

— Dos seus colegas?

— Gostei muito de Virgílio. Na Itália jogou ainda mais, no entanto.

Chamamos Félix. Para lhe perguntarmos se conhecia os motivos da sua substituição, no intervalo.

— Não sei. O seleccionador, dr. Armando Sampaio, disse-me no intervalo que iria ceder o lugar a Feliciano — e descansei.

— Mas estava em condições de inferioridade física?

— Sentia-me bem. Gostaria de defender a minha «chance» com o vento a favor.

Não ouvimos mais jogadores. Uma outra figura nos interessou: o seleccionador italiano Copernico. Não podíamos esquecer-nos que no próximo domingo se joga em Madrid o Espanha-Itália...

Copernico pareceu-nos apreensivo. Não deseja pronunciar-se... Insistimos, porém, e Copernico afirmou:

— Se a Espanha joga normalmente com este vigô, o jogo de Madrid pode ser mau para os italianos.

— A equipa de Itália alinha como contra Portugal?

— Agora é que vamos resolver. Não deve ser igual!

— Gostou do jogo?

— Não gostei. Não gostei mesmo nada.

Deixemos agora as entrevistas, ligeiras e rápidas. Para a história, — a estatística do encontro. Não nos favorece. Por ela se verificará alguma coisa...

1.ª parte	Portugal	Espanha
Defesas.....	10	9
Bolas de saída..	9	4
Livres.....	9	16
Cantos.....	6	1
Deslocações....	1	1

2.ª parte	Portugal	Espanha
Defesas.....	4	10
Bolas de saída..	7	9
Livres.....	2	11
Cantos.....	3	1
Deslocações....	—	2
Golos.....	1	1



O golo de empate, marcado por Peyroteo! Francisco Ferreira faz um oportunissimo passe a Peyroteo. Este teve a bola nos pés. Aparício tocou-lhe mas entregou-a novamente ao avançado-centro nacional, enquanto Elizaguirre estava em desequilíbrio, na baliza. A bola parte, e espanhol não tem tempo de recompor-se — e o jogo tinha resultado feito! Um-Um...



O nosso Estádio! A fotografia foi feita de avião e dá-nos conta da sua imponência à hora do jogo. O futebol triunfou mais uma vez!



A grande penitência reclamada pelo público e pelos jogadores portugueses. Riera acabou de derrubar Travaços, dentro da grande área, logo no principio do jogo, e segue com a bola para campo livre. Aparício, acompanha-o e Elizaguirre mantém-se na baliza. Entretanto, Peyroteo levanta os braços — e protesta!



Elizaguirre defende em posição curiosa. Peyroteo é empurrado por Lozano. Aparício assiste, Riera procura salvar o seu guarda-redes caso seja preciso... Pelo ar — Gonzalves III

NOVO EMPATE ENTRE PORTUGAL E ESPANHA



Jesus Correia organiza um ataque. Vasques está bloqueando, mas Peyroteo procura desmarcar-se, tendo Travaços perto. Repare-se que esta fase se desenvolve a meio campo!



A bola é ganha por Aparício, que é acompanhado por Lozano, Peyroteo, Puchades, Vasques e Riera



Uma espécie de «meleco». Jesus Correia e Peyroteo, Lozano, Puchades e Elizaguirre intervêm no lance — algo confuso



Aparício joga com muita autoridade. Tem a bola na sua frente, e Albano à libarga. Perigo não houve para as redes espanholas, neste momento



Riera é um atleta e joga durissimo. Acaba de saltar sobre as costas de Albano, que foi ao chão — quebrando-se. A bola não seguiu para o campo defensivo espanhol



Os leitores lembram-se desta jogada? Foi a mais impressionante do desafio e revela a pericia do nosso fotógrafo. Tínhamos empatado. Os avançados nacionais carregam em massa. Elizaguirre defende primeiro, valentemente. Mas a bola escapa-se depois. Jesus Correia atira para a baliza, tendo Peyroteo a seu lado e o guarda-redes espanhol verdadeiramente aflito, ao ver a bola partir para a rede, onde apareceu Lozano, no último momento! No chão, Vasques e Riera. Os portugueses perdiam o seu melhor momento



Peyroteo prepara-se para a luta. E Lozano e Aparício

O futebol pode ensinar-se... ... mas ser desportista é um produto de educação

Por GEORGES LANGELAAN

hora que serve de massagem a um grupo de futebol. Viaja por todo o país com o grupo do Havre e tem uma grande reputação pela forma como trata os músculos ofendidos.

Na Imprensa francesa apareceu ultimamente qualquer coisa que se pode classificar de novo no noticiário. E' o relato minuto a minuto, em cada parágrafo. E' uma descrição objectiva do jogo em frases e mais curtas possível. E' como que um relato radiofundido, mas consegue dar-nos um quadro de clareza surpreendente daquilo que de facto se passou.

Em alguns países admira-se muito, e quase se inveja, a forma como é orientado o futebol britânico. A maneira de proceder em campo na maioria dos países é geralmente boa mesmo que não atinja, segundo dizem, o nível britânico. Mas a forma como se comportam as multidões é muitas vezes má. No futebol continental observam-se muitas vezes desordens que não se verificam na Grã-Bretanha.

Isto não quer dizer que o desportivismo fundamental dos entusiastas do Continente seja menos verdadeiro do que o dos britânicos. Estive muitas vezes entre multidões britânicas que manifestavam um partidarismo quase selvagem, vendo-se manifestações de verdadeira efervescência. Assisti mesmo a lutas em campo. Mas, mesmo assim, sei que em geral o procedimento das multidões britânicas é de forma geral bom, e o mesmo pensam muitos jornalistas desportivos estrangeiros.

Um semanário francês de futebol consagrava há dias uma página inteira a: jogo Manchester United-Hull City para a Taça. O articulista terminava dizendo que o primeiro dera ao último uma lição técnica, mas talvez não uma lição tática.

Os relatos do desafio mostram o interesse crescente entre os franceses, mas o jornalista acha quase cómico o espectáculo de uma multidão reunida para assistir a um desafio de futebol, enquanto o «Abide with me» (Fica ao pé de mim). A admiração do jornalista pela correção dos espectadores não tinha limites e igualmente salientava a solicitude do árbitro e dos jogadores por aqueles que se feriram ao decorrer do desafio.

Escrevia: «Entre nós e os ingleses há muito mais de 20 milhas de distância marítima do estreito de Calais ou de Dover como lhe chamam os ingleses».

Embora a Itália tenha vencido Portugal por 4-1, os críticos italianos não se mostram muito satisfeitos com o seu grupo. O que os parece ter aborrecido é o facto de Portugal ter estado em vencedor durante metade do tempo. Quatro dos avançados italianos eram do Torino com o avançado-centro de Génova, e os críticos declaram que os seleccionadores teriam feito melhor se tivessem escolhido toda a linha avançada do Torino.

Difficuldades com grupos estrangeiros

Jordan, que o Juventus de Turim importou de Tottenham, achou impossível adaptar-se ao clima italiano. Foi por conselho do treinador inglês Chalmer que o Juventus importou Jordan. Isto parece confirmar o facto do estilo dos jogadores ingleses raramente se adaptar ao estilo de um grupo europeu. Por brilhante que o jogador possa ser em Inglaterra, quase nunca consegue adaptar-

-se à psicologia dos camaradas de clube europeus e não conseguem distinguir quando as passagens dos camaradas lhes são destinadas a eles ou quando querem continuar de posse da bola. Os continentais compreendem-se uns aos outros. O jogador austriaco adapta-se à mais facilmente a um grupo espanhol do que a um jogador inglês.

A Federação Francesa de Futebol organizou numerosas conferências de propaganda. Certas convidam jogadores e aficionados a ouvir as conferências de mestres que falam do jogo e da sua técnica e tática, apresentam questões, fazem perguntas e dão conselhos. E não deixa de ser enaltecido para o futebol inglês o facto de os filmes que ilustram as palestras apresentarem, na maior parte das vezes, em acção os grupos britânicos.

A Holanda escolheu para treinador do seu grupo nacional um holandês. Até agora os preferidos tinham sido treinadores britânicos. Os entusiastas holandeses falam do desafio Holanda-Bélgica e o grupo nacional treinou afinadamente para o encontro de 13 de Março. Esse encontro terminou por um empate. Os jogadores estiveram em estágio durante uma semana.

Uma mulher checoslovaca árbitro

Uma jovem checoslovaca, árbitro de futebol, acha que o «não» não é uma resposta. Chama-se Tchernekova. Apelou para a Comissão principal dos «skola» checoslovacos contra a decisão da Federação Checoslovaca de Futebol de não permitir que ela actua como árbitro. Passou brilhantemente no exame e os jogadores de futebol exprimiram o desejo de tomar parte em desafios arbitrados por ela. Um jornal local classifica-a de «jovem de figura gracil e maneiras agradáveis, cujo aspecto e as palavras reflectem excepcional energia e firmeza».

A Federação Internacional de Futebol vai ser interrogada pela Federação sueca se não pode fazer qualquer coisa para impedir os futebolistas suecos de passar a outros países. Naturalmente os países em que o profissionalismo não é ainda permiti-

tido, sentem a sangria porque os jogadores de primeiro plano são atraídos pela migração de poderem comercializar os seus talentos.

Para o desafio Espanha-Itália a realizar no fim do mês em Madrid, estão no treino 16 jogadores espanhóis. Isso permitirá a Espanha ter cinco reservas em perfeita condição física quando chegar a altura. Têm treinado duas vezes por semana com um grupo especial de treino. A Espanha, como a França, confia a escolha do seu grupo nacional apenas a uma pessoa — o sr. Guilherme Elzguirre. Notícias de Espanha dizem que os jogadores nacionais estão a suportar um violento treino físico e mental.

A Bulgária defrontará a Roménia em 15 de Maio, em Sofia; a Albânia, também em Sofia, em 12 de Junho; a Checo-Eslavaquia em Setembro, em Praga; a Polónia em Varsóvia e a Hungria em Budapeste, no mês de Outubro. Estão a fazer-se esforços para conseguir desafios com os grupos nacionais da Austria, França e Itália. Os jornais desportivos por detrás da cortina de ferro não podem esconder o pesar que lhes causa o estarem mais ou menos separados do resto do mundo futebolístico europeu.

Um grupo francês de advogados

Lille, cujo grupo é o detentor da Taça de França, e que segue à frente na Primeira Divisão, tem um grupo de advogados entre os seus principais grupos amadores. Recentemente realizaram um desafio com os membros do movimento cooperativo local derrotando-os por 6-2.

As observações dos funcionários dos estádios «não se admitem senhora nos vestiários», não contam para madame Suzanne Ozerey; diante dessa observação ela sorri e empurra a porta à sua frente. E' a unica se-

Lille fez um desafio desigual no jogo da 2.ª volta contra Rouen, a quem apesar disso acabou por derrotar por 2-1 depois de estar a perder por 1-0 no intervalo. Lille, que ganhou a Taça nas últimas 3 épocas, está a sentir o maior apoio para a ganhar de novo este ano. O jogo terminou com um golo duvidoso a 10 minutos do fim. Para muitos foi como se a bola tivesse batido na trave, embora ela tenha voltado ao campo depois de ter batido num ferro interior que sustenta a rede. O árbitro concedeu o ponto depois de consultar os juizes de linha. Rouen, que segue à frente na 2.ª Divisão, não sente grande pena por ter ficado de fora na Taça, podendo consagrar toda a sua atenção à Liga.

O primeiro clube

O Havre é o clube mais antigo da França, tendo sido fundado em 1855, e a influência dos ingleses nesse porto francês teve a sua parte nos começos do clube. O primeiro clube de Paris era o White Rovers, sendo um dos seus fundadores W. H. Slater que ainda está vivo e válido, sendo bem conhecido na colónia britânica de Paris. Esse clube foi seguido pelo Standard Athletic, ambos quase inteiramente britânicos. O Standard Athletic ainda existe e tem o seu terreno em Meudon, perto de Paris. Os alemães destruíram-no completamente em 1944.

O primeiro campeonato francês realizou-se em 1894 e foi ganho pelo Standard sobre o White Rovers. O primeiro desafio internacional da França foi contra a Bélgica em 1904 e o resultado foi um empate a 3 bolas. Contra a Inglaterra o primeiro desafio foi em 1906, tendo perdido a França do recorde de 15-0. A França conseguiu vencer a Inglaterra apenas 3 vezes: em 1921 por 2-1; em 1931 por 5-2 e em 1946 por 2-1.

ARCADIA

O DANCING N.º 1
— DA CAPITAL —

em pleno triunfo o mais categorizado conjunto coreográfico espanhol

Ballet Sacha Goudine

A ANIMADA ORQUESTRA FEMININA
THE MELODY-STAR'S

A estrela do baile espanhol **ELENITA ESPEJO**

Num grandioso programa de atracções, com
ROSITA MONTAÑA, MARUJA HERRERO, Mercedes Romero, Carmelita de Cordoba, Marz-Mely, Ma-Li-Teng, Darley Soer, Mabel Valência

e a dinâmica ORQUESTRA **ARCADIA** com a vocalista norte-americana **DAINA**

Abertura às 22 — Variedades às 0.15 e 2.15 horas

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00

Atletismo e Natação

NOTAM-SE por vezes desacordos incompreensíveis. Agora mais um parece existir, embora lhe não conhecamos as origens.

No anterior domingo disputou-se no Porto uma prova de «curta-mato», e a falta de uma equipa dos azues e brancos. Esteve só o Académico em concurso. Ora, o abandono do F. C. do Porto, que tem dado à interessante modalidade o melhor carinho, não se compreende lá muito bem.

Os portuenses zangam-se às vezes por causas bem simples. Não sabemos e nem queremos saber se também houve «samus» nesta falta, e unicamente nos importa lamentar a atitude tomada pelo F. C. do Porto.

Não teria Arnaldo Borges atletas para apresentar? Não acreditamos. Ainda recentemente deu provas de os possuir, de boa qualidade, pois ganhou em Coimbra o campeonato Nacional de principiantes e classificou ainda razoavelmente a sua equipa.

O Académico, evidentemente, é digno de elogios. A sua persistência tem direito a todos os louvores, e nós não os regateamos quando são merecidos. Aqui ficam. E que o F. C. do Porto não deixe mais ganhar sem luta os seus adversários, são os nossos votos sinceros.

O desporto da natação, por mais que se faça, não dá sinais de vida na capital do Norte. Já não nos vamos dedicar a lamúrias sobre a falta de locais próprios para treinos e provas. Nem pedíamos uma piscina. Um tanque nos chegava...

Mas não devemos esquecer também o abandono a que foi votada a modalidade pelos responsáveis na sua expansão. No sector dirigente, segundo parece, nada se procura realisar. Os clubes mostram um adormecimento lamentável e até certo ponto incompreensível. E os nadadores, claro está, não aparecem.

Assim, a natação portuense não progrediu até aqui — e nem progredirá daqui para o futuro. Que lamentável que tudo isto é! Lisboa, mesmo Coimbra e outros centros modestos, dão-nos um exemplo, ano a ano — exemplo que não aprendemos de modo algum. A natação portuense é uma blague, a despeito de na época finda, ter ido para o Porto um campeonato nacional feminino.

Nem assim nos entusiasmos!

na capital do NORTE

FIGUEIREDO E MELO

MERECIA esta homenagem postuma a falecido desportista. António Augusto Figueiredo e Melo, dos primeiros homens do F. C. do Porto, seu atleta, seu presidente, reformador dos seus estatutos, antigo presidente da Associação de Futebol do Porto, representante desta entidade na Federação Portuguesa de Futebol, não podia ser esquecido pelos admiradores do popular desporto.

Durante muitos anos, foi Figueiredo e Melo um combatente, um defensor acerrimo do seu clube e de tudo quanto se relacionava com as coisas da capital do Norte. Quando os assuntos do F. C. do Porto se mostravam perturbados, difíceis de congregar, logo se chamava Figueiredo e Melo. Não sendo pessoa de largas finanças, vivendo modestamente do seu ordenado, Figueiredo e Melo tinha o condão e a felicidade de resolver problemas que só a fartura de dinheiro facilitava.

Os associados do F. C. do Porto admiravam-no e ouviam-no com respeito. Sabiam muito bem que Figueiredo e Melo era o primeiro adepto, o mais firme dirigente. A sua saúde, porém, obalou-se a certa altura, e o arcação forte que possuía perdeu-se. Infelizmente.

A geração actual não deve conhecer suficientemente a obra de Figueiredo e Melo. Se contribuírem para a homenagem, porém, que lhes fique a certeza de terem prestado justiça a um homem do passado, a um verdadeiro desportista.

CURIOSIDADES...

Virgílio terá de fazer pelo menos 3 meses de serviço militar em Elvas. Teme-se de facto que o jogador do F. C. do Porto sinta os efeitos da sua passagem pela tropa.

◆ Há fundadas razões para julgar que as obras do futuro Estádio do F. C. do Porto principiaram brevemente.

◆ Todos os ciclistas do F. C. do Porto se mantêm no clube. Fernando Moreira, Dias Santos, Joaquim Costa, Joaquim Sá, Fernando Moreira de Sá, continuam fiéis.

◆ Fernando Moreira de Sá, porém, terá de prestar serviço militar em Santarém. E outro atleta jovem, como se sabe, e as obrigações militares pesam.

◆ Apreciada a selecção B. critica-se bastante o facto de Romão não ter sido convidado.

◆ Está no Porto um jogador argentino. Parece que se dirige para Itália...

◆ Sabe-se que alguns jogadores portuenses foram assediados

no estágio da Venda do Pinheiro. Sempre a mesma história...

◆ O Boavista desloca-se no próximo domingo para o campo de Belém. Ainda há quem tenha a sua esperança...

◆ Continuam os treinos de preparação da equipa representativa do Porto em basquetebol sob o comando de Alves Teixeira. O seleccionador mostra-se satisfeito com o seu trabalho.

◆ O Vasco da Gama conquistou mais um título regional. Fluvial é o segundo. Nem outra coisa era de esperar, pois os campeões nacionais e os «segundos», que representaram Portugal no «Torneio Ibérico», tem provado a sua boa categoria.

◆ Os campeonatos regionais de andebol e de hóquei em campo são comandados pelas equipas do F. C. do Porto. O título não deve fugir-lhe.

◆ E natação? Sim — o que há sobre natação? Nem piscina — o que não é novidade. Nem organização — o que também não surpreende...

ALMANAQUE DOS DESPORTOS

340 PÁGINAS — 400 GRAVURAS

ENCONTRA-SE A VENDA:

NOS Nossos AGENTES ◆ NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS
E NA ADMINISTRAÇÃO DA «STADIUM»

Rua da Rosa, 252 — Telefone 31187 — LISBOA — Preço: 40\$00

A Volta e o Porto

A «Volta a Portugal» interessou sempre os portuenses. O ano passado vibraram intensamente, com a vitória do F. C. do Porto e de Fernando Jorge Moreira, e todos se prepararam agora para acompanhar de novo a rapaziada da sua terra e região.

Esta época, a «Volta» principia e acaba no Porto, no Estádio do Lima. Alguns desportistas da capital do Norte, dirigentes da Associação de Ciclismo, a que preside Joaquim Eloi da Silva, figura de prestígio, procuram rodear a competição de todos os cuidados.

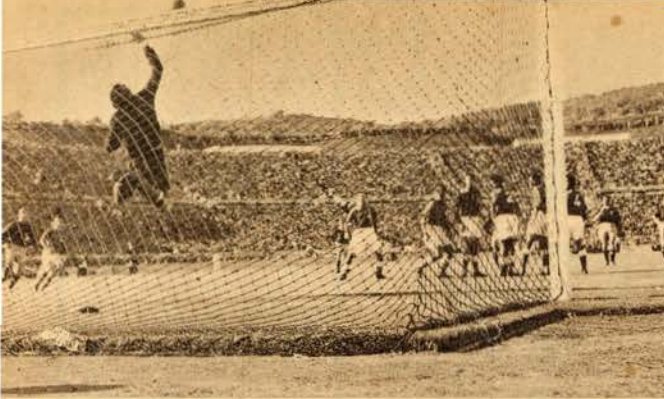
Na verdade, uma prova como a «Volta a Portugal» em bicicletas, necessita bem de ser organizada a tempo e horas, afim de se evitarem acidentes e atritos lamentáveis. No ano findo, escolheu-se por exemplo um percurso impossível de aceitar. Andou-se para trás e para diante, e atravessaram-se regiões sem população. Algumas, mesmo muitas estradas, não ofereciam condições de segurança, tanto para corredores como para membros da caravana... A paragem ou o dia de descanso não foram bem escolhidos...

Na «Volta» próxima, veremos como director Raul de Oliveira. Eis uma escolha acertada. Raul de Oliveira conhece a prova como nenhum outro, sabe lidar com os concorrentes e não favorece este ou aquele em prejuízo de outros. O Norte, que teve certa influência na indicação de Raul de Oliveira e também na sua eleição para o cargo de presidente da assembleia geral da Federação Portuguesa, sente-se com certeza satisfeito e confiado.

A prova principiará com o mês de Julho. Antes, por certo, tudo se organizará convenientemente, para que o Porto não fique mal, para que a «Volta» se prestigie cada vez mais como grande prova desportiva.

Se nos é permitido lembrar alguma coisa a quem prepara a «Volta», diremos que a questão dos alojamentos ainda não foi inteligentemente solucionada. Também se permitiram várias vezes inactividades de atletas sem valor, desistentes à primeira ou segunda etapa. E a interferência de toda a gente, deve igualmente ser evitada com autoridade.

Tudo e todos podem concorrer para que a grande competição decorra de maneira agradável. Considerada a cidade do Porto para ponto de partida e chegada dos corredores e seus acompanhantes, é preciso que se mostre digna das suas trações e da honra que lhe foi conferida.



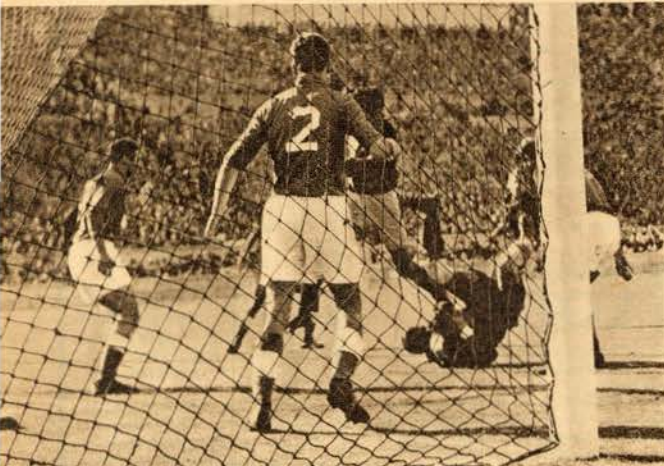
Barrigana não tocou na bola — que saiu alta a um espanhol. O guarda-rede nacional, porem, fez o seu dever



Riera, deixando Albano, presta atenção a Travaços...



Albano e Riera — que não foram «amigos». O espanhol castigou muito



Barrigana defende, enquanto Zarra salta. Francisco Ferreira, encoberto pela trave, Vergílio e Serafim, tomam posições



Aparício, admirável defesa, tem cuidado com todos os adversários. Não se limita a seguir o avançado centro. Vejamo-lo na luta contra Travaços

Aparício, segue uma bola passada para o lado. Lozano procura vigiar Travaços, entretanto...



A equipa portuguesa ataca, na 2.ª parte! Vê-se Feliciano, o n.º 13, que tem Zarra mais para trás entregue à vigilância do Francisco Ferreira. Canário faz a jogada, reconhecendo-se à frente Peyroteo e Aparício



Os espanhóis estudam na capa da «Stadiums»... — Antes do jogo, ainda no Estoril, os jogadores espanhóis observam curiosamente as fotografias publicadas na capa da nossa última Revista. Elizaguirre tem todos os cuidados, como bom seleccionador, e os adversários merecem-lhe toda a atenção. Daqui partem muitas indicações.

MARIANO ARRATE

— uma recordação

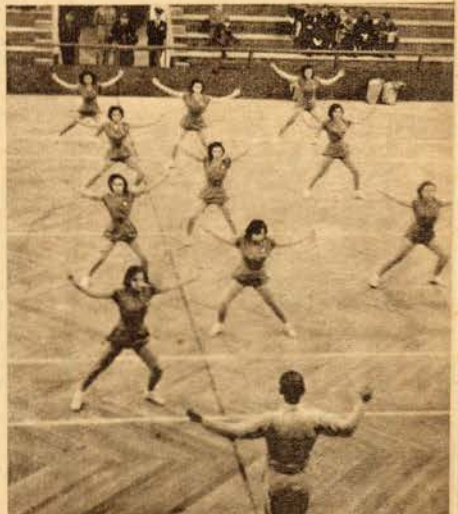
Mariano Arrate era um defensor hercúleo, valente, jogando no estilo forte de Aparício dos nossos tempos, ou de Quezada, Quincoces, Passarin ou Otero de há épocas.

No 1.º Portugal-Espanha, que se jogou em Madrid, Mariano Arrate foi o capitão da equipa do país vizinho e Candido de Oliveira chefiou o grupo português. Ficaram amigos. Como sempre sucede. Por isso, Candido de Oliveira tomou a iniciativa de promover a visita de Arrate, um homem que foi companheiro de Pololo, de Samitier, de Alcantara, de Meaña, de Monjardín, de Zamora... E aqui apresentamos o veterano espanhol entre Candido de Oliveira e Ribeiro dos Reis, António Lopes, Carlos Guimarães e João Francisco, à esquerda; Jorge Vieira e António Pinho, à direita; Tudo homens do 1.º Portugal-Espanha.

O 74.º ANIVERSÁRIO DO GINÁSIO

O Ginásio Clube Português festejou o seu 74.º aniversário. Durante uma semana promoveu festas interessantes, que vieram a concluir-se com um sarau no Pavilhão dos Desportos, no último sábado.

As classes brilharam, especialmente a já famosa classe de senhoras, dirigida por Curt Joanson, que apresentamos ao lado, num esquema. Também David Ballested, num exercício de paralelas.



KRAMER UM PORTENTO!

A convite da Federação Portuguesa de Lawn-Tennis deslocaram-se para Lisboa os famosos tenistas profissionais, Jack Kramer e Bobby Riggs, americanos, Pancho Segura, equatoriano e Dinky Pails, australiano.

Durante tres noites, no Pavilhão dos Desportos, os quatro admiráveis tenistas confirmaram amplamente a fama de que vinham precedidos, despertando o torneio grande interesse e agrado. A sua técnica magnífica, os seus golpes, as suas jogadas rápidas, conquistaram o público numeroso que acorreu a apreciar os excelentes profissionais.

O campeonato deu a seguinte classificação: 1.º Jack Kramer; 2.º Bobby Riggs; 3.º Pancho Segura; 4.º Dinky Pails.

Os nossos clichés: 1 — Riggs e Pails. 2 — Kramer e Segura. 3 — Uma attitude de Pails no decorrer do seu jogo com Riggs. 4 — Kramer recebe das mãos de Serra e Moura a taça que conquistou neste campeonato. 5 — O equatoriano Segura. 6 — O fulgurante Kramer.



A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

BOXE

FUTEBOL

A equipa nacional holandesa empatou com a selecção da Bélgica, no Estádio de Amsterdão, na presença de 63 000 espectadores. O score foi de 3 3 mas os belgas revelaram melhor técnica, embora menos ofensivos que os holandeses.

Os amadores do País de Gales perderam com os de Inglaterra, por 3-1, depois de magnífica batalha. Os vencidos jogaram com 10 componentes em quase todo o desafio, pondo em cheque os adversários.

NATAÇÃO

Apesar da temporada não favorecer a prática natatória no hemisfério setentrional, registaram-se os seguintes resultados:

Em Sargão, lado-China francesa, Alex J. ganhou duas provas de estilo livre: os 100 metros (em 58") e os 200 (em 2 m, 11 s.).

O alemão Klinge, na piscina de Francforte, melhorou o recorde mundial de 100 metros (braços) fazendo 1 m, 7,1 s., mas o tempo não pode ser reconhecido oficialmente pelo facto da Alemanha se encontrar excluída da FIFA.

O máximo anterior pertence ao americano Carter, com mais um décimo de segundo.

RUGBY

No Estádio de Wembley e na presença de 35 000 espectadores a equipa da França (rugby de 13) derrotou a da Inglaterra, depois de brilhante exibição, por 12 pontos a 5.

A posição dos países participantes no torneio é a seguinte: França e Inglaterra 4 pontos, Gales, 2.

Em Swansea, a contar para o campeonato internacional de rugby de 15, a Irlanda bateu a Gales por 5 pontos a zero.

Foi a primeira vitória conseguida pelos irlandeses no campo de Saint-Helen, depois de 1889 e não se imagina o ambiente febril e apaixonado do encontro.

A Irlanda conquistou, assim, em dois anos sucessivos, o Torneio Internacional das Cinco Nações, com 6 pontos, seguida da Escócia, Gales, França e Inglaterra.

NOTA DA SEMANA

A arte divina de lourear, na que brilharam Frascuelo e Lagartijos, antes dos Belmontes e Manoletes — sem esquecer o mártir de Talavera de la Reina, o ateniense Gallito — encontrou na graciosa e lemerária Conchita Cintren, a mais fabulosa e contraditória das suas figuras simbólicas.

Conchita, como os heróis, os mártires e os poetas, soufreu o impulso da inspiração divina, para amestrar o toiro, dominá-lo sem esforço e provar que a Mulher pode ombrear com o Homem na Festa Brava.

Desportista sensacional, cuja aparição produziu uma onda de pasmo e deixou atrás de si uma esteira de veneração, Conchita Cintren soufreu grande colida na semana finda, quando enfrentava a fera na Praça de Touros da cidade do México. A haste do monstro penetrou profundamente no corpo da gentil amazona, que se encontra hospitalizada e em más condições de saúde.

A semelhança dos seus pares, para os quais o traje de luzes é farda gloriosa e algumas vezes mortalha, Conchita está fardada para a opolese ou para o mausoleu.

Nesse arriscado desporto de combate lão classico como casllo, onde a derrota é a quase sempre a morte, a fragilidade da Mulher parece-nos um prémio indigno da crueldade do toiro.

Apreciamos consideravelmente a postura e o gesto feminino no ténis, no hipismo, nos desportos nauticos e noutros congéneres, mas sentimos demasiado imprópria a sua presença, no perigoso saibro da arena, manchado de luz e de sangue.

A mulher-loureira, por mais artista e arrojada que seja, e Conchita é-o superiormente, desnuda o choque entre o elemento humano e o animal. Como dizemos atrás, o toiro não merece o seu holocausto e um profundo sentimento de piedade se apodera de nós, quando Diana desce a terreiro para oferecer o peito aos azares imprevisíveis da Fortuna.

NESTES últimos tempos a juventude tem pago pesado tributo ao Deus Moloch do pugilismo. Os casos fatais ocorridos no interior das quatro cordas, que ensombream os pregaminhos da Nobre Arte, são verdadeiramente alarmantes, sucedendo-se de ano para ano com intensidade crescente.

O último desastre ocorreu em Londres, no dia 12, e vitimou um amador de dezanove anos, André Le Floch, campeão da Normandia, que fora à capital da Inglaterra no elenco de uma selecção francesa, competir com outra de um bairro da vasta cidade do Tamisa.

O jovem batalhou com grande energia e, conquanto a vitória coubesse a Peter Brander, seu adversário, não mostrou sofrer de nenhum mal ao erguer-se do solo, depois da queda que pôs termo ao pugilato.

Momentos depois entrava em crise e veio a falecer de madrugada deixando a desolada família, os amigos e colegas, num estado de desespero fácil de interpretar.

Encontramo-nos, uma vez mais, face a face com o angustioso problema da morte no ringue. O pugilismo moderno mostra-se sobre o aspecto trágico da sua nocividade e nenhuma dúvida subsistirá no espírito de quem, como nós, o aprecie, quanto à necessidade de remodelá-lo na sua estrutura.

Tudo o desporto desumano torna-se repugnante, desnecessário. De mero engenho útil na preparação moral e física do Homem passar a instrumento de destruição. Impõe-se que seja modificado e suavizado, para merecer colégio com os outros desportos regulares, praticamente inofensivos.

Todos os desastres ocorridos nos últimos anos são verdadeiros brados de alerta. Só falta quem ataque denodadamente o problema da reforma do Jogo do Boxe, quebrando os dentes ao cruel Deus Moloch, insaciado e insaciável.

Rafael Barradas

A semana finda foi um tanto fértil de resultados importantes, nomeadamente os seguintes:

Em Trieste, cidade livre do Adriático, combateram, para eleger o próximo adversário de Cirilo Delancit na conquista do campeonato europeu de «médios», os campeões de Inglaterra e da Itália da referida categoria: Dick Turpin e Tiberio Mitri.

Depois de 12 assaltos bastante acesos triunfou o jogador italiano, por pontos.

Em Londres, Dick O'Sullivan desemborçou-se rapidamente de Tommy Faricker, por *knockout* ao primeiro assalto, continuando a sua brilhante ascensão.

Nos Estados Unidos, Steve Bel-loise, um futuro rival de Marcel Cerdan, que derrotou Villemain na estreia deste nos E. U. A., dispôs do californiano J. T. Ross, por K-O técnico ao 5.º assalto, no Madison S. Garden.

Buddy Farrell obteve um imprevisto triunfo à custa do negro Cecil Hudson, na cidade de Providence. Este Hudson, em 1948, dominou Jackie La Motta e alcançou-se a uma posição de relevo.

Afonse Priest, que devia encontrar-se no ringue com o francês Dauthuille, antes do regresso à Europa deste pugilista francês, venceu Billy Daly, por pontos.

Decididamente, Billy Fox, aquele pugilista negro que teve grande nomeada e combateu com Agostinho Guedes, sucumbiu agora na frente de Dick Wagner, por K O técnico ao 5.º assalto.

O italiano Silvano Locatelli, irmão de Cleto, estreou-se em Nova York contra Dil White e triunfou por pontos, embora com dificuldade por ter magoado um dos braços.

Em Sidnéi, Pierre Montané, campeão de França, de leves, tropeçou com um obstáculo de respeito. Oposto a Jack Hassan, levou tão grande punição que teve de recolher ao hospital em más circunstâncias físicas, sendo o diagnóstico do médico de natureza reservada.

ESGRIMA

Em Milão, na disputa da Taça Molié, entre espadistas italianos e franceses, a equipa gauleza perdeu redondamente com a de Itália, por 26 vitórias a 10.

Cantone, campeão olímpico, e Eduardo Mangiarotti, saíram-se airosoamente do conflito ganhando em toda a linha. Os franceses perderam o concurso de Buhán e de Pécheux, e Artigas não conseguiu estar à altura das circunstâncias.

Almanaque dos Desportos
Encontra-se à venda
na Administração da «Stadium»

COMO SE DEVE JOGAR FUTEBOL

Por WILF MANNION

10—Interiores e médios alas

Se tivermos dois interiores inteligentes e dois bons médios alas, teremos os alicerces de um grupo de primeira classe. Não há dúvida que são posições primordiais em qualquer grupo de futebol, tal como ele hoje se joga. E eu irei até dizer que os interiores são os homens que podem realmente levar um grupo à vitória ou afundá-lo.

Um interior-direito ou esquerdo tem de fornecer a bola em boa posição para o seu ponta, para o avançado-centro ou para o ponta contrário, depende inteiramente disso de qual desses jogadores esteja em melhor posição para a receber na altura. Não faz qualquer sentido passar uma bola a um colega se ele se encontra bem marcado pelo adversário.

O interior que não seja capaz de apreender o sentido do jogo e de lançar a bola para um colega que esteja bastante livre de marcação, perde completamente o seu tempo.

E' claro que um médio ala depende muito do seu interior que lhe deve prestar auxílio e apoio. Não pode haver interior realmente bom que não queira vir há retaguarda auxiliar a defesa. Isso é absolutamente essencial para fazer o bom jogador.

Temos para nós que o interior é uma das chaves do ataque; há absoluta necessidade de se consagrar à defesa no meio campo, e isso quer dizer que ele tem de trabalhar incessantemente, cultivar a desmarcação rápida e ser em geral o servidor do grupo.

Quem é que nos poderá servir como exemplo de como se deve preencher a posição do interior? Isso é fácil. Raich Carter, da Inglaterra é o jogador completo a esse respeito. Raich nunca é encontrado em má posição. Encontra os espaços abertos com a facilidade mais incrível e pode ser visto de continuo a solicitar e lançar os seus colegas de grupo, com uma naturalidade e perspicácia de toque que não tem igual em qualquer outro jogador nessa posição.

Nunca envia uma bola para um colega sem se colocar imediatamente para poder prever o reenvio da passagem. Nunca se desfez de uma bola a favor de um colega quando este se encontra em posição de ficar imediatamente bloqueado pelo adversário. Há avançados demais que fazem passagens que parecem inteligentes e que não têm utilidade nenhuma para o jogador que a recebe.

Todo o segredo do interior é que o jogador que preenche esse importante posto deve ser capaz de compreender a fraqueza da defesa contrária... e uma fraqueza pode ser encontrada em qualquer defesa desde que ela seja posta inteligentemente à prova.

O tão discutido plano «W» só pode ser bem sucedido se os dois interiores forem bastante enérgicos. Tem grande responsabilidade em face dos outros colegas da linha da frente, sendo como que a sombra deles; é preciso trocar as posições um com o outro, sempre que a necessidade o exige; é preciso transformar uma defesa num ataque com um simples golpe e uma intervenção oportuna e estar sempre pronto a aproveitar-se de uma clareira aberta na defesa oposta.

Crónica da semana

A semana que findou deixou-nos um acontecimento de grande projecção, que indirectamente interessa ao andebol português: referimo-nos à inesperada vitória da Espanha sobre a França, por 3-1, no encontro internacional que disputaram em Barcelona.

Se pensarmos que o grupo representativo espanhol que alinhou em Barcelona era quase semelhante àquela que no ano passado empatou com os lisboenses; se recordarmos o desaire sofrido em Niort, encontramos ante aparente contradição, explicável por três hipóteses: os espanhóis progrediram muito, a equipa francesa baixou de valor, ou os portugueses jogaram em França muito à queima do seu merecimento.

Seja como for, este resultado do encontro entre os dois futuros adversários do grupo nacional português serve para aumentar a expectativa pelos nossos jogos internacionais da temporada.

O país que conseguiu melhores resultados pode considerar-se o campeão latino, visto a modalidade se não praticar em Itália.

Os franceses devem visitar-nos pela Páscoa e os espanhóis, que haviam condicionado a sua aceitação definitiva ao desfecho do jogo de sábado passado, certamente não hesitarão agora em vir ou em receber-nos no seu país.

O que se nos afigura indispensável é o imediato início da preparação da equipa nacional e do aperfeiçoamento técnico individual dos seus possíveis componentes.

Entretanto continua regularmente o campeonato de Lisboa, agora reduzido a sete participan-

tes, pela eliminação do Estrela da Amadora.

A jornada de domingo, terceira da segunda volta, trouxe-nos uma surpresa que pode ter decidido a sorte do torneio: o empate a 2 bolas, entre Belenenses e «Os Treze», que colocou o Sporting com três pontos de vantagem sobre o seu directo rival. Se não escorregarem frente ao Oriental ou ao Almada, o que não parece provável, os «leões» podem perder o seu jogo contra os «azues» que ainda conservam um ponto de avanço.

Nas outras partidas do dia, o Sporting venceu o Glória por 8-4, marca pouco expressiva ante o que se deveria esperar dos candidatos a campeões e o Almada arrebatou os pontos do seu jogo contra o Oriental, que não compareceu em campo.

Na prova reservada aos juniores, o Belenenses averbou segundo empate, pelo mesmo número de 2 bolas, separando-se do Sporting, que fica isolado à cabeça da classificação, graças à sua vitória por 3-2 sobre o Benfica.

O Almada brinca largamente o Glória, por 5-1.

O jogo Belenenses-Oriental, dirigido por dois elementos dos clubes contendores porque o árbitro não compareceu, passou-se em toada de dureza muito condenável entre grupos da categoria. É absolutamente necessário que a A. A. L. designe para estes encontros os seus árbitros mais seguros e enérgicos, porque o povo lá tem as suas razões quando afirma que «é de pequenino que se torce o pepino».

• José de Eça

MARROCOS e ANDALUZIA

Partida da 4.ª excursão em 2 de Abril com regresso em 13, automóveis de luxo partindo e regressando a Lisboa. Hoteis de 1.ª categoria, clima delicioso, encantos do mundo árabe, páginas da nossa epopeia africana, visitando BADAJOZ — SEVILHA — JEREZ — CADIZ — ALGECIRAS, admirando GIBRALTAR — TANGER — LARACHE — TETUAN — ARZILA — ALCACER KIBIR — ARBAUA — PORT LYAUTE — RABAT — CASABLANCA — MEQUINEZ — MULEY IDRIS — VOLUBILIS — FEZ — CEUTA — SEVILHA — LISBOA

Peçam programas: Em Lisboa, Agência France Express, Trav. do Cotovelo, 37, Telef. 2 7519

Stadium

A Revista desportiva de maior tiragem e expansão



As duas equipas alinhadas em conjunto, o árbitro e os juizes de linha



Formenores do encontro, da esquerda para a direita: a entrada da equipa portuguesa, comandada por Francisco Ferreira; a equipa de arbitragem; a troca de galhardetes; e a entrada dos espanhóis, dirigidos por Epi



Novos pormenores do desafio, também da esquerda para a direita: entusiastas espanhóis, exibem bandeiras do seu país; Virgílio está fora do campo, entregue aos cuidados do dr. Mesquita Guimarães; Barrigana recebe assistência de Francisco Ferreira, depois de um choque violento com a bola rematada por Zarra; entusiasmo entre o público português...



O grupo português, tal como jogou na 1.ª parte



O grupo espanhol e Guilherme Eizaguirre — o seleccionador, e Juan Passarin, treinador